
Igreja Adventista do Sétimo Dia e o Conselho Mundial de Igrejas

Fevereiro de 1973

Debate sobre as crenças dos adventistas

Fonte:

<https://www.ministrymagazine.org/archive/1973/02/seventh-day-adventists-and-the-world-council>

Desde 1965, conversas informais regulares têm ocorrido entre Adventistas do Sétimo Dia e

representantes do Conselho Mundial de Igrejas. Desde o início, ficou claro que não havia planos para a Igreja Adventista do Sétimo Dia se tornar membro do Conselho Mundial. No entanto, diversas áreas de interesse mútuo foram exploradas. Os assuntos discutidos incluíram liberdade religiosa, proselitismo, sábado e domingo, profecia apocalíptica, revelação e inspiração, e a responsabilidade social da igreja. As discussões foram benéficas. Elas ajudaram a esclarecer acordos e desacordos. O artigo do Dr. *Paul Schwarzenau* que estamos publicando lança luz sobre as áreas de consonância doutrinária. Este artigo já foi publicado na *Ecumenical Review* e na alemã *Oekumenische Rundschau*.

Em 1957, a Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia patrocinou uma exposição cuidadosa e representativa da doutrina de sua igreja, publicada sob o título "Adventistas do Sétimo Dia Respondem a Perguntas sobre Doutrina". Esse estudo simplifica a tarefa deste artigo, que consiste em mostrar em que pontos eles concordam doutrinariamente com as igrejas e comunhões pertencentes ao Conselho Mundial de Igrejas.

Por outro lado, temos que enfrentar a dificuldade de que o movimento ecumênico não é em si uma igreja, mas uma irmandade de igrejas que sustentam diferentes posições e tradições doutrinárias que, além disso, estão sujeitas a interpretações teológicas divergentes, mesmo dentro das próprias igrejas. Dificilmente seria ecumênico restringir nossa atenção aqui às doutrinas que são comuns a todas as igrejas do movimento ecumênico. Muitas vezes, então, poderemos falar apenas de concordância com algumas (muitas ou poucas) igrejas e tendências teológicas. Em muitos casos, a concordância se dá apenas com a substância de uma posição doutrinária ou com uma tendência doutrinária, enquanto em outros aspectos ainda há diferenças inegáveis nas respectivas formulações doutrinárias.

Além disso, não se deve ignorar que, em muitos aspectos, toda a doutrina de uma igreja é uma entidade inseparável e, portanto, dividi-la em partes constituintes é um tanto problemático.

Concordâncias

Para começar, parece que a Igreja Adventista do Sétimo Dia não discorda da base teológica do Conselho Mundial de Igrejas, conforme votado em Nova Déli em 1961: "O Conselho Mundial de

Igrejas é uma irmandade de igrejas que confessam o Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador segundo as Escrituras e, portanto, buscam cumprir juntas sua vocação comum para a glória do único Deus, Pai, Filho e Espírito Santo."

As igrejas-membro do Conselho Mundial de Igrejas e os Adventistas do Sétimo Dia concordam quanto aos artigos fundamentais da fé cristã, conforme estabelecidos nos três antigos símbolos da Igreja: *Apostolicum*, *Nicaeno-Constantinopolitum* e *Athenasium*. Esse acordo se expressa na aceitação incondicional das doutrinas da Trindade e das duas naturezas.

O Adventismo do Sétimo Dia surgiu em grande parte em um contexto protestante e, portanto, historicamente falando, é bastante natural que os adventistas demonstrem considerável afinidade com as igrejas resultantes da Reforma. Isso não significa que o adventismo não demonstre afinidade doutrinária com outras tradições religiosas, por exemplo, a Ortodoxia Oriental. No entanto, devido à falta de contato histórico-teológico (a separação foi intensificada pela intolerância religiosa oficial em relação aos adventistas em países onde a Ortodoxia era a religião oficial), tal concordância não tem sido tão aparente. Os adventistas do sétimo dia concordam plenamente com o princípio protestante das Escrituras (*sola scriptura*) e com a doutrina da Reforma da justificação pela fé (*sola fide*, *sola gratia per Christum*). Eles também compartilham a ligação protestante entre justificação e santificação. Boas obras não são o meio da justificação, mas seu fruto.

Revelação e Inspiração

De acordo com a visão protestante, a aceitação dessas doutrinas não se dá pela autoridade da igreja, mas com base na Sagrada Escritura como regra de fé. Isso também se aplica ao respeito com que são tidos os escritos de eminentes doutores da igreja. Tais escritos só são autoritativos na medida em que estejam em concordância com as Escrituras. Há, no entanto, progresso na compreensão das Escrituras. Nesse sentido, certos doutores da igreja e certos eventos na história da igreja adquirem crescente importância. Muitos aspectos da revelação bíblica só podem ser claramente compreendidos e formulados com precisão como doutrina da igreja em determinados momentos históricos. As tradições doutrinárias que se enquadram nessa categoria não constituem, contudo, qualquer acréscimo ao cânone, mas sim o desenvolvimento histórico da verdade contida nas Escrituras. Dentro das classificações do Conselho Mundial de Igrejas, existem diversas visões a respeito da revelação e da inspiração da Bíblia. Muitos cristãos nas igrejas-membro do Conselho Mundial de Igrejas têm visões muito semelhantes às apresentadas pelos adventistas.

Os Adventistas do Sétimo Dia expressam considerável concordância com os cristãos evangélicos conservadores e com as confissões históricas do Protestantismo. Menção específica deve ser feita aqui às seguintes doutrinas: a inspiração das Sagradas Escrituras, o nascimento virginal, a morte expiatória, a ressurreição e ascensão corpóreas de Cristo, a visão literal do retorno de Cristo, da ressurreição ou "tomada" dos santos e do juízo geral, a obra do Espírito Santo, a igreja como o corpo de Cristo. Há também, no entanto, em certo sentido, uma afinidade com os teólogos modernos. Os teólogos protestantes modernos não pretendem, de fato, negar as declarações da interpretação bíblica e dos credos históricos da igreja antiga e da Reforma, mas sim reinterpretá-los (reconhecendo que toda declaração de credo é historicamente condicionada). Isso se aplica particularmente à crença comum na inspiração das Sagradas Escrituras. Visto que Deus fala por meio das palavras dos homens, surgem diversas visões a

respeito do papel desempenhado pelo homem e sua história nos escritos bíblicos e na redação final desses escritos em um todo único.

Os adventistas do sétimo dia, em sua maioria, veem a conexão entre o Antigo e o Novo Testamento (especialmente em referência ao sistema sacrificial do Antigo Testamento) em termos tipológicos (tipo e antítipo). Muitos teólogos não adventistas do sétimo dia estão igualmente comprometidos com uma exegese tipológica do Antigo Testamento, em oposição a uma interpretação alegórica.

Natureza de Cristo

Em concordância com a principal tradição doutrinária do cristianismo, os Adventistas do Sétimo Dia entendem o Filho do Homem como o Filho de Deus Encarnado. Contrapõe-se a essa visão a exegese moderna, que vê o Filho do Homem principalmente como o protótipo preexistente da humanidade e do povo de Deus, a quem, como tal, foi confiado o julgamento do mundo. Mas a teologia adventista, em grande medida, abrange esse círculo de ideias por meio de sua interpretação do termo "Arcanjo Miguel" como um título cristológico (cf. Dn 10:5, 6, 13, com Ap 1:13-15). Os Adventistas do Sétimo Dia entendem a ressurreição de Jesus como ressurreição em uma corporeidade glorificada. O Jesus terreno e o Jesus ressuscitado são um e o mesmo. As igrejas-membro do Conselho Mundial de Igrejas defendem oficialmente a mesma visão.

Os adventistas do sétimo dia rejeitam a doutrina da dupla predestinação tradicionalmente mantida em algumas igrejas. Os adventistas enfatizam o caráter condicional das promessas e advertências divinas. O homem é dotado de livre-arbítrio para escolher ou rejeitar. No entanto, uma reaproximação está ocorrendo, porque em muitas igrejas que defendem a doutrina da predestinação, ganha força a visão de que essa doutrina não deve ser interpretada no sentido de um determinismo puro e simples ou de um decreto absoluto. Ela tem, portanto, sido reinterpretada de várias maneiras, abrindo mais espaço para a decisão humana genuína, e tem sido até rejeitada por alguns como contrária ao Evangelho e como postulando um conflito de vontades na Divindade. A exegese moderna do ensino dos profetas tem, em particular, destacado o caráter condicional das promessas e advertências divinas. A liberdade do homem também é importante para Deus; mas essa liberdade não torna impossível para Deus alcançar Seu propósito de redenção, mesmo que isso signifique que Ele o faça de maneiras sempre novas que levem seriamente em conta a decisão humana. Deus continua sendo o autor das condições da salvação final e de sua garantia. Pode-se, portanto, dizer que há aqui uma convergência de pontos de vista.

Os Dez Mandamentos

A Igreja Adventista do Sétimo Dia considera o Decálogo um padrão de vida divino permanente e imutável. Segmentos do protestantismo estão engajados em uma discussão sobre a reivindicação absoluta dos Dez Mandamentos sobre o cristão. Juntamente com a Lei, o Decálogo não foi ab-rogado por Cristo? Declarações que tendem nessa direção são encontradas não apenas nas obras de teólogos modernos, mas até mesmo em Lutero. Por outro lado, tem sido doutrina protestante, pelo menos desde Melanchthon (com a de Lutero como doutrina), que nos Dez Mandamentos Deus reafirmou e enfatizou expressamente a *lex naturae* estabelecida

na e com a criação. Em conexão com essa doutrina, uma distinção tem sido feita no protestantismo desde Melancthon, entre o Decálogo, que é permanentemente válido, e a lei cerimonial, que foi ab-rogada. A discussão está longe de ser encerrada sobre esta questão, e não deve ser interrompida prematuramente, visto que ambas as posições se preocupam em afirmar o Evangelho com base no testemunho das Escrituras.

Batismo e Lava-Pés

Na visão adventista, o batismo deve ser administrado por imersão única; requer fé por parte do candidato. Em harmonia com outros seguidores da tradição batista, os adventistas do sétimo dia rejeitam o batismo infantil, acreditando que não há justificativa bíblica para esse costume. Embora muitas igrejas defendam o batismo infantil como bíblico, é impossível ignorar o acalorado debate que se abriu nessas igrejas sobre o assunto. Além disso, será prontamente reconhecido que a imersão total do candidato ao batismo é fortemente atestada tanto na Bíblia quanto na prática cristã primitiva. Poucos negariam que o batismo do cristão, de acordo com o ensino adventista, na morte definitiva, no sepultamento definitivo e na ressurreição definitiva de Cristo (Rm 6), é mais claramente representado por uma imersão definitiva do que por uma tripla imersão, aspersão ou derramamento com uma referência trinitária. A diferença na prática batismal, contudo, não exclui um consenso quanto à afirmação teológica feita pela prática adventista.

O mesmo pode ser dito da associação adventista entre o lava-pés (ordenança da humildade) e a Ceia do Senhor. Isso é bíblicamente defensável, mesmo que ainda haja divergências quanto a se estamos lidando aqui com um mandamento e instituição de Cristo que deve ser rigorosamente observado. Pelo menos há consenso sobre o ponto substancial de que o sacrifício e o serviço de Jesus por nós encontram sua verdadeira continuidade no amor fraternal e na humildade (João 13:15).

Natureza do Homem

Os adventistas do sétimo dia acreditam na imortalidade condicional do homem e rejeitam o "Soulismo Imortal" (isto é, que a alma tem uma existência separada, inata e irrevogavelmente imortal do corpo). Como criatura pecadora, o homem está sujeito à morte e repousará no túmulo até o dia da ressurreição. A vida eterna está disponível somente em Cristo. Os injustos serão destruídos para sempre. É interessante notar que a visão bíblica de que a alma humana não possui imortalidade inata está ganhando espaço nas igrejas. Da mesma forma, a percepção também está sendo aceita, ainda que lentamente, de que a ameaça de morte eterna não deve ser equiparada à ameaça de tormentos eternos no inferno.

Profecia

Há uma ampla tradição de concordância doutrinária na interpretação da profecia bíblica, e da apocalíptica em particular. A crítica histórica, no entanto, frequentemente produziu descobertas

divergentes, que merecem atenção. Mas a preocupação com a interpretação da profecia em termos de seu contexto histórico contemporâneo pode facilmente nos levar a esquecer o contexto total da profecia sobre o qual a interpretação tradicional se baseou.

Apesar das diferenças na interpretação detalhada, compartilhamos a convicção de que Deus nos fala até mesmo sobre nossos tempos e sobre o futuro, às vezes de forma simbólica indireta por meio da profecia. A verdade plena da profecia só nos será claramente revelada, é claro, à medida que a história se desenrola. Mas a profecia, em qualquer caso, aguça nossa consciência da iminente parousia de Cristo, por mais bem ou mal que o cumprimento da profecia tenha sido compreendido de fato desde os primórdios do cristianismo. A fé cristã é vivificada pela crença de que o dia do Senhor está próximo. É, portanto, um precursor e um sinal que aponta para o futuro de Cristo. Sempre que tal fé profeticamente inspirada surge na cristandade, é sempre um sinal profético para toda a igreja. Uma vigorosa esperança no advento é uma marca essencial da fé cristã.

Embora a abstinência completa de álcool e tabaco e a adesão a um programa de saúde específico, como defendido pela Igreja Adventista do Sétimo Dia, dificilmente seriam endossadas pela maioria das outras igrejas, certamente deve haver respeito por uma igreja inteira que assume uma responsabilidade que em outras igrejas é assumida apenas por sociedades especiais (por exemplo, o movimento da Cruz Azul*). Ainda mais porque a Igreja Adventista não adota uma atitude exclusiva em relação a outras igrejas e não torna a adesão a um programa de saúde uma condição para a salvação. Aqui, novamente, porém, há um ponto em comum subjacente, a saber, que o cristão, em seu serviço a Deus, é responsável por sua saúde.

Os Adventistas do Sétimo Dia acreditam que a liberdade religiosa e os interesses tanto da Igreja quanto do Estado são mais bem preservados e atendidos quando cada um opera em seu domínio (ver Mateus 22:21) sob a política do que é geralmente chamado de separação entre Igreja e Estado.

No entanto, mesmo em igrejas que ainda mantêm uma ligação mais ou menos estreita com o Estado, o apelo pela separação entre Igreja e Estado está crescendo. Para muitos cristãos hoje, o que Marx chamou de "a remoção da Igreja do Estado para a sociedade" inclui a poderosa relevância de sua fé para a sociedade contemporânea. Servir ao mundo "Deus amou o mundo de tal maneira" (João 3:16) não implica de forma alguma uma secularização vazia, mas sim a aplicação do evangelho da salvação às necessidades da humanidade.